REVISTA Língua & Literatura
ISSN 1984-381X

Do século XVI para o XXII: Shakespeare em mangá

From the 16th to the 22nd century: Shakespeare in manga

Stéfanie Santos[1]
Dantielli Assumpção Garcia[2]
Lucília Maria Abrahão e Sousa [3]

Resumo: O legado do dramaturgo inglês William Shakespeare está cada vez mais vivo, graças às contínuas encenações de suas peças, às inúmeras reedições, adaptações de suas obras e diversas traduções. Objetivamos, neste trabalho, analisar a adaptação da peça teatral *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, para o formato de quadrinhos japoneses, ou seja, mangá[4]. Tendo como base a teoria da Análise do Discurso de filiação francesa, será desenvolvida uma discussão teórica sobre discurso e memória discursiva; e, na análise da adaptação, exporemos algumas mudanças que acontecem no mangá relativas ao tempo e espaço em que se desenvolve o enredo, assim como refletiremos acerca dos desdobramentos para outra materialidade que não o texto dramático. Analisaremos, por fim, como o protagonista Hamlet desloca-se através do tempo e do espaço, reordenando eixos da memória e remexendo com as relações de significação.

Palavras-chave: Memória discursiva. Hamlet. Mangá. Análise do Discurso

---

[1] Graduanda em Ciências da Informação e Documentação. stefanie.santos@usp.br

[2] Possui graduação em Licenciatura em Letras: Português/Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), mestrado em Estudos Linguísticos (2008) e doutorado em Estudos Linguísticos também pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Realizou uma pesquisa de Pós-Doutorado (A Marcha das Vadias nas redes sociais: efeitos de feminismo e mulher, Apoio Fapesp) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa (2013-2015). Atualmente, realiza junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná uma pesquisa de Pós-Doutorado. dantielligarcia@gmail.com

[3] Lucília Maria Sousa Romão possui graduação em Letras (1988) pelo Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto e doutorado direto (2002) em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e Livre Docência (2009) em Ciência da Informação pela mesma instituição. luciliamasousa@gmail.com

[4]Mangá ou 漫画, em kanji, é a palavra usada para designar Histórias em Quadrinhos feitas no estilo japonês. Além de origem distinta, os mangás japoneses diferem dos quadrinhos ocidentais em virtude: do modo de representação gráfica utilizada; da dimensão (um volume pode ter cerca de 200 páginas); do conteúdo, que é sempre preto e branco e a capa colorida, e da leitura, que é oposta ao modelo ocidental: o livro começa daquilo que nós consideramos como o fim, e o texto é impresso da direta para a esquerda. Acrescenta-se a esses aspectos o traço do desenho, que também é peculiar. Os olhos, por exemplo, costumam ser bem grandes, o que acentua a expressividade dos personagens (XXX, p. 202).

Dizeres iniciais: o mangá

Neste texto, tomaremos por base os postulados teóricos da Análise do Discurso de filiação francesa, trabalhados por Pêcheux (1995; 1999) e Orlandi (1997; 2005), especialmente a noção de memória, para analisar os deslocamentos de sentidos de uma obra literária teatral para um mangá, a saber, da obra Hamlet, de Shakespeare, para o mangá que a adaptou. É sabido que Shakespeare aparece em tantas mídias e com tanta frequência, que seria impossível dar conta de todos os exemplos. Consideramos que os efeitos de retorno e retomada de um nome próprio, considerado canônico e clássico, colocam em circulação a sua obra e os vários gestos de leitura e recriação a partir dela. Desse modo, favorece um permanente retorno do já-lá (PÊCHEUX, [1975] 1995) e faz incorporar e materializar-se novos títulos, além de inovadoras e criativas adaptações para outros meios. Se for compreendida uma obra como um processo que pode ser moldado e atualizado, ao invés de ser apenas um produto fixo, é possível ter muitas outras alternativas de apreciar um clássico e observar algo inovador, contemporâneo e tão interessante quanto na época em que foi escrito. Tais produções culturais, manifestadas em outros tipos de formatos transmidiáticos, são consequências da cultura da convergência, termo criado por Jenkins (2009), demonstrando que a narrativa inicial se torna um dispositivo para outras narrativas, produzindo significados, compostos por múltiplos discursos e criando novos pontos de acesso para o mesmo cenário. Partindo dessa perspectiva, pode-se dizer que muitos irão ler uma ou mais peças de Shakespeare por causa de uma adaptação teatral, um quadrinho, uma animação, um filme ou um jogo de vídeo game. Isso pode ser considerado algo de constante movimento discursivo e que vai sendo modificado a cada momento sócio-histórico em que o ideológico faz ranger de um modo diferente o jogo da língua.

Nosso propósito neste texto é analisar como acontece e como é discursivizado o deslocamento da peça teatral para o mangá, analisando uma cena entre os personagens Hamlet e Ofélia e outras duas cenas abordando os efeitos de deslocamentos no tempo (do século XVI para o século XXII) e no espaço (dos teatros para os mangás na era dos ciborgues), deslocamentos que marcam na peça shakespeariana uma tensão entre o mesmo e o diferente, entre um Hamlet acometido por dúvidas acerca da sua existência e um Hamlet que usa das

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

tecnologias digitais para descobrir traições.

Um outro e sempre já-lá Hamlet, ou de como a memória tem fendas

Pensemos o processo de retomada do Hamlet teatral no mangá à luz da teoria discursiva. O que está em jogo quando Hamlet dá-se a ler no texto dramatúrgico e no mangá é o espaço do movimento da história na língua, considerando que a retomada dessa significação é sempre anterior e que a precede como condição do dizível, e aponta para rupturas e desarranjos dos sentidos estabilizados.

> (...) uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos.
> E o fato de que exista assim o outro em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior (PÊCHEUX, [1983]1999, p. 56).

Dito isso, ressaltamos que o discurso shakespeariano se desloca através do tempo, cada vez que é dito, citado, lido e adaptado. O material de análise deste trabalho será cenas de *Hamlet*, *Príncipe da Dinamarca*, célebre peça shakespeariana, escrita em meados de 1600, e encenada pela primeira vez no *Globe Theatre*, em 1601, a qual se consagrou como uma das mais poderosas e influentes tragédias da língua inglesa. Shakespeare foi considerado em sua época como ator, diretor e empresário teatral, e a peça estava entre uma das mais populares da Inglaterra, seguramente a tragédia do autor mais representada de todos os tempos. Isso marca a relevância do nosso objeto de estudo. Como afirma Mourthé (2007, p. 140):

> Hamlet inaugura assim, no zênite da carreira de Shakespeare e no momento em que vai começar a dos Stuart, o ciclo do que foi chamado de *dark plays*, as peças com problemas, *O rei Lear* e *Macbeth* vindo a seguir. (...) nenhuma peça de teatro, nenhuma obra escrita suscitarão tantos comentários, tantas exegeses, tantas interpretações.

Tal sucesso do século XVI continua vivo e é retomado como memória em diversas

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

mídias contemporâneas. Continuamos ouvindo falar de Hamlet, de suas frases famosas como "*Ser ou não ser - eis a questão*", "*Há algo de podre no Reino da Dinamarca*" e "*O resto é silêncio*". Essas frases são citadas em contextos completamente diferentes e, muitas vezes cotidianos, sem ser possível perceber os "rastros" que as palavras trazem de outros lugares em que ela passou anteriormente. Assim, consideramos importante a noção de que há sempre um dizer anterior ao dito, que lhe confere possibilidade de existência e que produz efeitos de retomada a cada nova enunciação. "A memória – o interdiscurso, como definimos na análise do discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer" (ORLANDI, 1999, p.64). Desse modo, o conceito de memória opera porque suporta a língua e é atualizado pelas condições de produção sócio-históricas; esse processo faz falar e reaparecer Hamlet a partir do texto clássico, contudo, também o fazendo um outro Hamlet quando desenhado pelo dizer do mangá.

A memória (ORLANDI, 2005), quando pensada em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso, ou seja, aquilo que se fala antes em outro lugar independentemente. O já-dito faz parte do pré-construído, aquele que torna possível todo o dizer, que sustenta a significação das palavras, o dizível. Esse interdiscurso afeta o modo como o sujeito produz sentidos em uma situação dada, ou seja, a memória discursiva reatualiza as palavras, remexendo naquilo que já estava posto num dado lugar. No mangá, como veremos na continuidade deste texto, a peça shakespeariana sustenta a significação dos conflitos de Hamlet. Todavia, a memória sobre a peça teatral do século XVI é reatualizada no mangá, o qual remexe naquilo que já estava posto ao personagem Hamlet e o atualiza ao século XXII.

A retomada de uma memória: o mesmo e o diferente em Hamlet

O mangá *Hamlet* faz parte da série inglesa *Manga Shakespeare*, da SelfMadeHero, uma editora independente que atua no segmento de novelas gráficas e até o momento publicou 14 títulos de Shakespeare. Todos os mangás têm o mesmo adaptador Richard Appignanesi, o qual também atua como editor da série. Os ilustradores são diferentes para cada uma das publicações. *Hamlet* foi ilustrado por Emma Viecel, uma das vencedoras do primeiro concurso *Tokyopop Rising Stars of Manga.* Entre esses 14 títulos, cinco foram

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

publicados no Brasil pela editora Galera Record no Rio de Janeiro-RJ, em 2011. São eles: *A Tempestade*; *Ricardo III*; *Romeu e Julieta*; *Sonho de Uma Noite de Verão* e *Hamlet*, todos traduzidos por Alexei Bueno, tradutor de diversos autores, também poeta e editor.

Como mostramos em XXXX (2017, p. 208), no mangá analisado, é possível perceber uma retomada quase que idêntica da cena entre Hamlet e Ofélia (Ato III, cena I), na qual o príncipe rechaça o amor por Ofélia, que até então era recíproco. Há uma releitura do texto de Shakespeare que tende para relações parafrásticas em que, nos dizeres contemporâneos, se mantém praticamente a mesma formulação da peça teatral, com poucas omissões. Surgindo essa enunciação, as palavras que já foram ditas antes, são livres para serem ditas em outros contextos, em qualquer época. A memória reatualiza as palavras, remexendo naquilo que já estava posto num dado lugar. Para ilustrar melhor, mostremos a cena escolhida da obra Hamlet, a versão clássica e uma retomada dessa.

OFÉLIA Como tem passado, príncipe, no correr de tantos dias?
HAMLET: Muitíssimo obrigado; bem, bem, bem.
OFÉLIA: Tenho algumas lembranças suas, príncipe, que há muito devolver eu desejara; receba-as, por favor.
HAMLET: Eu, não; eu, não; eu nunca te dei nada.
OFÉLIA: O príncipe bem sabe que é verdade, e com palavras de tão doce anélito, que o valor dos presentes aumentava. Mas, evolado o aroma, agora os trago. Os brindes se empobrecem, para uma alma bem-nascida, de par com os sentimentos de quem os dá. Ei-los aqui, meu príncipe.
HAMLET: Ah! Ah! És honesta?
OFÉLIA: Como assim, príncipe?
HAMLET: És bela?
OFÉLIA Que quer dizer Vossa Alteza com isso?
HAMLET: É que se fores, a um tempo, honesta e bela, não deves admitir intimidade entre a tua honestidade e a tua beleza.
OFÉLIA Mas, príncipe, poderá haver melhor companhia para a beleza do que a honestidade?
HAMLET: Realmente, que a beleza, com o seu poder, levaria menos tempo para transformar a honestidade em alcoviteira do que esta em modificar a beleza à sua imagem. Já houve época em que isso era paradoxo; mas agora o tempo o confirma. Cheguei a amar-te.
OFÉLIA: Em verdade, o príncipe me fez acreditar nisso.
HAMLET: Não deverias ter-me dado crédito, porque a virtude não pode enxertar-se em nosso velho tronco, sem que deste não remanesça algum travo. Nunca te amei.
OFÉLIA: Tanto maior é a minha decepção.
HAMLET: Entra para um convento. Por que hás de gerar pecadores? Eu, de mim, considero-me mais ou menos honesto, mas poderia acusar-me de tais coisas, que teria sido melhor que minha mãe não me houvesse dado à luz. Sou orgulhoso, vingativo, cheio de ambição, e disponho de maior número de delitos do que de pensamentos para vesti-los, imaginação para dar-lhes forma, ou tempo para realizá-los. Para que rastejarem entre o céu e a terra tipos como eu? Todos somos consumados velhacos; não deves confiar em ninguém. Toma o caminho do convento. Onde se encontra teu pai?
OFÉLIA: Em casa, alteza
HAMLET: Que lhe fechem as portas, a fim de impedirem que faça papel de tolo, a não ser em

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

sua própria casa. Adeus.
OFÉLIA: Ajuda-o, céu de bondade.
HAMLET: Se tiveres de casar, dou-te por dote a seguinte maldição: ainda que sejas casta como o gelo e pura como a neve, não escaparás à calúnia. Vai; entra para o convento; adeus. Ou então, se tiveres mesmo de casar, escolhe um néscio para marido, porque os assisados sabem perfeitamente em que monstros as mulheres os transformam. Para o convento, vai; e isso depressa. Adeus.
OFÉLIA: Poderes celestiais, restituí-lhe a razão! (SHAKESPEARE, *Hamlet*, Ato III, Cena I, 2004).

Partindo da ideia de que as palavras podem ser ditas em vários outros contextos, nossa análise terá como foco, a partir daqui, a versão da *Série Mangá Shakespeare* (2011, p. 96-101). Nele, nosso protagonista viaja pelo tempo e a trama de Hamlet se passa no século XXII, ano 2107, em um cenário futurista e devastado por mudanças climáticas, trata-se agora de um mundo cibernético de ficção científica, onde o reino tem controle absoluto à tecnologia avançada e aos mecanismos de comunicação e de controle das máquinas e de todos os seres vivos. Hamlet se desloca para outra realidade de tempo e espaço, retoma efeitos do discurso shakespeariano que já foram postos em funcionamento.

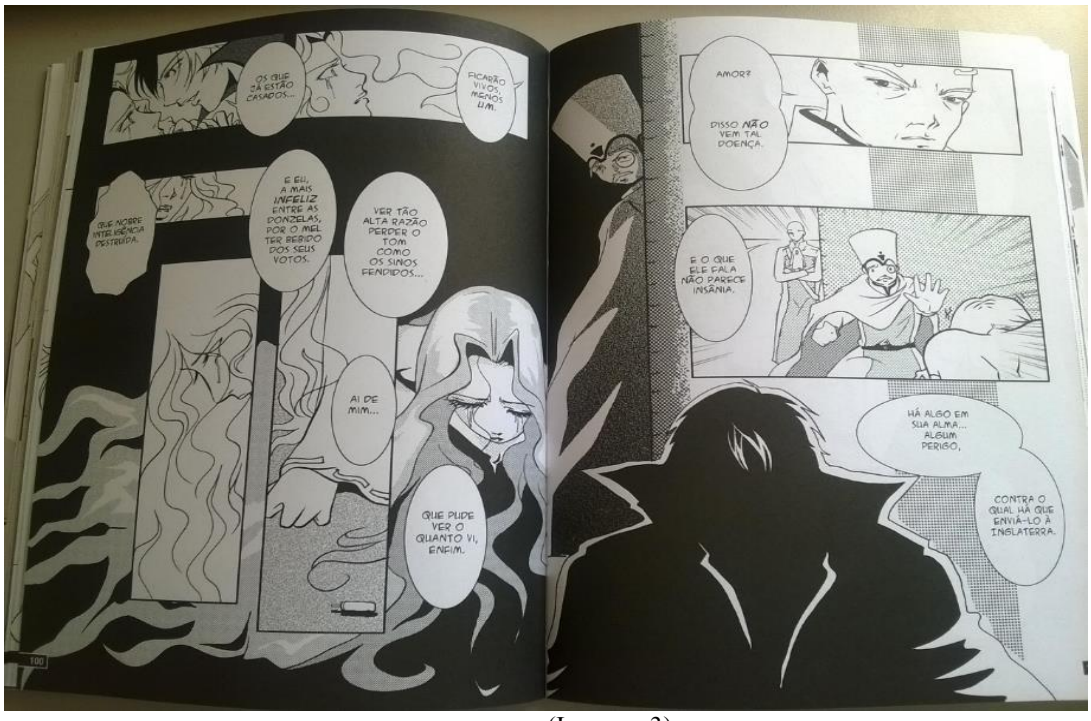


(Imagem 1)

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017



(Imagem 2)



(Imagem 3)

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

Ofélia, ao tentar devolver os presentes recebidos por Hamlet, é rejeitada pelo príncipe. Nessa versão, o presente é apenas um *plug* com um pino que se insere no próprio corpo das pessoas para terem acesso às informações. Esse tem a aparência de um *pen drive* e nele se encontram armazenadas as cartas de amor destinadas a Ofélia.

Nessa versão, como já pontuamos em Santos e Garcia (2017), é possível observar nosso protagonista deslocando sua posição de um príncipe medieval, saltando seis séculos através de um viés chamado tecnologia e se adaptando às condições histórico-sociais. A trama é absolutamente a mesma e segue a mesma sequência da versão original. Há, na adaptação, na materialidade linguística, um efeito de união de dizeres e sentidos. Porém, um deslocamento é produzido pela alteração do contexto em que a história se desenvolve. Nosso protagonista em uma peça teatral escrita no século XVI, que até então foi feita para ser encenada por atores reais e nada além disso. Em seguida o "outro" Hamlet, agora na posição de personagem de um instrumento de linguagem devidamente contemporâneo, ou seja, outro suporte midiático seguido principalmente por pessoas do público jovem em pleno século XXI.

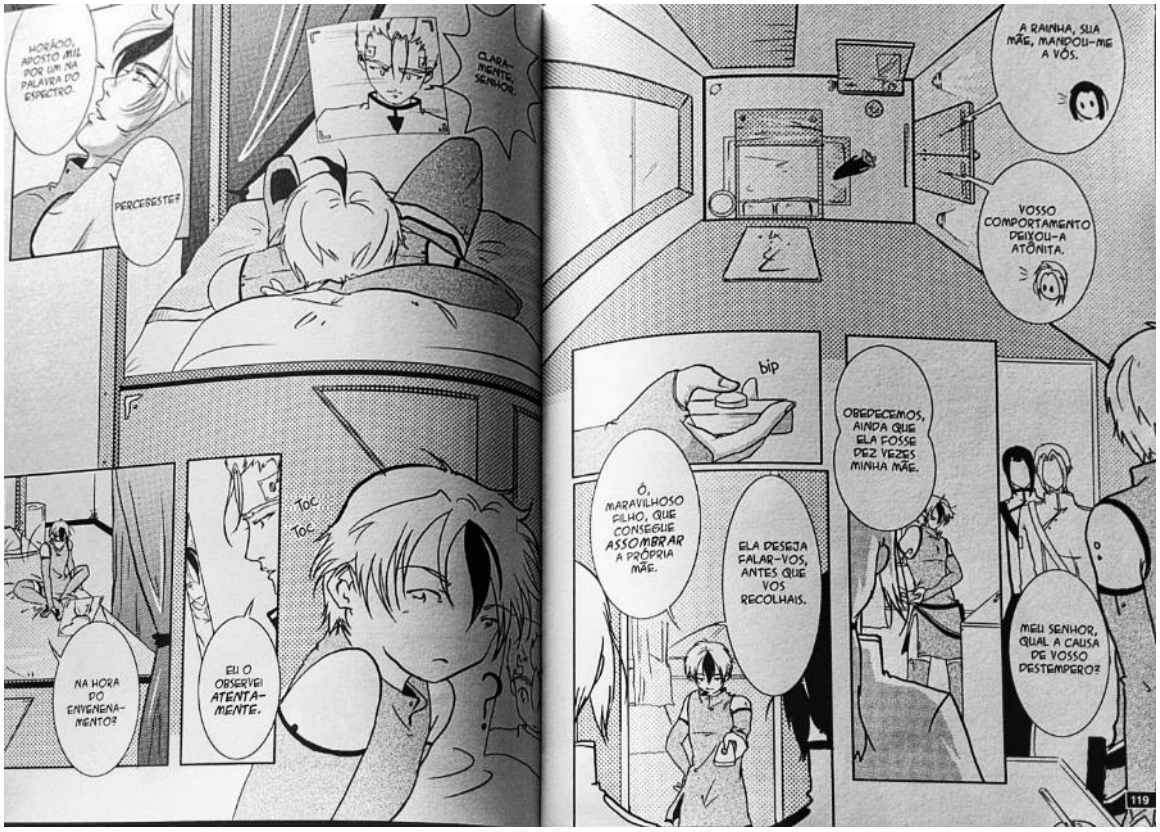
Essa alteração afeta a relação do sujeito que lê esse texto, não mais o que vai ao teatro, mas o que está na rede e sabe de tecnologia, o que lê mangás e segue vertentes do mundo geek. Até mesmo o sujeito que tem sua primeira experiência shakespeariana, pois "muitas vezes, personagens de narrativas transmídia não precisam ser apresentados ou reapresentados, pois já são conhecidos a partir de outras fontes" (JENKINS, 2009, p. 173).

O mangá, como adaptação, funciona por meio de uma transposição reconhecível de um discurso para outro, marcando modos de produção, constituição e circulação de textos já ditos anteriormente. Existem inumeráveis adaptações dessa narrativa em múltiplos suportes midiáticos diferentes, do cinema, desde *Hamlet* (1948), de Laurence Olivier (1907-1989), até o presente momento com desenhos animados, HQ's e mangás.

> Cada vez mais, as narrativas estão se tornando a arte da construção de universos, à medida que os artistas criam ambientes atraentes que não podem ser completamente explorados ou esgotados em uma única obra, ou mesmo em uma única mídia [...]. Hoje é preciso elaborar um universo, por que um universo pode sustentar múltiplos personagens e múltiplas histórias, em múltiplas mídias (JENKINS, 2009, p. 161-162).

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

Voltemos agora para outras cenas do mesmo mangá, em que o monopólio tecnológico impera no castelo de nosso protagonista. A cena seguinte (imagem 4) aborda o momento em que Hamlet é convocado para os aposentos da mãe, a fim de repreende-lo após uma suposta má conduta comportamental perante o Rei, seu tio.



(Imagem 4)

A cena acontece posteriormente a uma conjuntura maquinada por Hamlet para averiguar se realmente o atual Rei Cláudio foi o responsável pela morte do Rei Hamlet (pai do príncipe Hamlet). Era presumível para o príncipe que seu tio seria o assassino, pois ele havia recebido uma visita espectral de seu pai comunicando o ocorrido, mas, antes de tomar qualquer atitude vingativa contra o tio, Hamlet realiza este teste e pede que, além dele, seu amigo Horácio observe a reação do Rei perante a situação, que servirá para isentar qualquer dúvida de que o Rei Cláudio seja o verdadeiro homicida. Nesse cenário devidamente

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

futurístico, Hamlet entra em contato com seu amigo para indagar sua opinião sobre o ocorrido, a imagem holográfica de Horácio é projetada por um dispositivo conectado em seu pulso, tal dispositivo serve de comunicação com todos dos intervenientes do reino. A próxima cena (imagem 5) mostra o momento em que o Rei recebe uma carta de Hamlet avisando seu retorno para Dinamarca. Carta entregue por um soldado, lida também por Laertes, filho do conselheiro do Rei e irmão de Ofélia.



(Imagem 5)

Trata-se novamente de um *plug* o qual se conecta no próprio corpo, escutando assim um áudio gravado por Hamlet. Laertes anseia pelo seu retorno com desejo de vingança, o Rei fracassou em mandar o príncipe para Inglaterra, já que este anunciou seu retorno. Ao final, o Rei deseja propor um acordo com Laertes a fim de se livrar de Hamlet de uma vez por todas.

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

Os personagens são híbridos de máquina e organismo, impossível afirmar onde o ser humano acaba e onde as máquinas começam, são os chamados ciborgue (HARAWAY, 2009). Os ciborgues são redes entrelaçadas que são partes humanas e partes máquinas, nos quais a fronteira entre o humano e a máquina é transgredida.

> De um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; do outro, a humanização e a subjetivação da máquina. É da combinação desses processos que nasce essa criatura pós-humana a que chamamos "ciborgue" (HARAWAY [1990] 2009, p. 12).

Os ciborgues são feitos de superficialidade e profundidade, são novas formas de subjetividades. Possibilidade já esperada para o século XXII, quando, segundo Haraway (2009), os termos "artificial" e "natural" serão inevitavelmente dispensáveis. As extensões dos ciborgues também seguem a mesma tecnologia, o quarto de Hamlet é totalmente produzido virtualmente, em que, com apenas um *bip* de um controle remoto, o ambiente é completamente feito e desfeito, produzindo qualquer outro recinto e/ou natureza artificial. "A ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues-criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados" (HARAWAY [1990] 2009, p. 36). Pessoas ciborgues são de um organismo cibernético, híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social e também uma criatura da ficção (HARAWAY, 2009). No deslocamento no tempo e no espaço, temos agora um outro Hamlet, um Hamlet cibernético que faz uso das tecnologias virtuais e digitais para viver no reino e entre seus amores e traidores.

A adaptação da peça de Shakespeare mostra como os clássicos são moldados para sobreviverem, e como o leitor ao se encantar com a obra, busca outros suportes midiáticos e percebe a relação de historicidade, do que fez sucesso no passado e o que faz sucesso agora, e percebe, conforme Orlandi (2005, p. 32), que "o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua". Em uma retomada pela história e pela língua, o Hamlet do mangá ressignifica a peça de Shakespeare e produz outras significações ao protagonista e à obra de tão brilhante dramaturgo.

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

Um príncipe em dois atos: o sentido sempre pode ser outro

Nossa análise procurou refletir acerca do modo como os dizeres enunciados a partir de releituras de Hamlet, produzem sentidos e como esses sentidos inscrevem uma historicidade (ROMÃO, 2002), levando em conta a memória discursiva que sustenta a significação. As obras falam de Hamlet, mas não do mesmo modo. No deslocamento de seis séculos, o advento das tecnologias digitais, dos ciborgues, das redes. Também os deslocamentos de sentido se instauram, todavia, as dúvidas sobre "ser ou não ser" ainda fazem parte da constituição das subjetividades tão belamente exploradas pelas obras, adaptadas ou não para outras mídias e formatos, de Shakespeare.

Abstract: The legacy of the English playwright William Shakespeare is more and more alive thanks to the re-stagings of his plays, the numerous re-editions, the adaptations of his works as well as their countless translations. The aim of this work is to study the adaptation of the play *The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark* to manga, a popular Japanese comic format. Based on the theoretical and methodological assumptions of French Discourse Analysis, we develop a theoretical discussion on discourse and discursive memory. We also analyze some changes that take place in the manga regarding the time and space in which the plot unfolds, as well as reflect on the unfolding of another materiality other than the dramatic text. At last, we investigate how the protagonist, Hamlet, moves through time and space, rearranging memory axes and disturbing meaning relations.

Keywords: Discursive memory. Hamlet. Manga. Discourse analysis.

Referências

ACHARD. P (Org.). **Papel da memória**. Tradução: Jose Horta Nunes. Campinas: Pontes. 1999.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Tomaz Tadeu (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MOURTHÉ, C. **Shakespeare Biografia**. Trad. Paulo Neves. 1° edição. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007, p. 140.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017

_____. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso.** 4.ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Maio de 68: os silêncios ela memória, In: ACHARD. P (Org.). **Papel da memória**. Tradução: Jose Horta Nunes. Campinas: Pontes. 1999.

PÊCHEUX, M. O Papel da Memória. In: ACHARD. P (Org.). **Papel da memória**. Tradução: Jose Horta Nunes. Campinas: Pontes. 1999.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

ROMÃO, L. M. S. **O discurso do conflito materializado no MST: a ferida aberta na nação.** Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 310p. (Tese, doutorado em Psicologia), 2002.

XXX. Hamlet nos mangás: uma leitura discursiva. In: SOUSA, L. M. A. e.; PACÍFICO, S. M. R.; GARCIA, D. A. [et.al.]. **Travessias em discurso**: a língua na história. São Carlos: Pedro & João, 2017.

SHAKESPEARE, W **Hamlet: mangá Shakespeare.** Ilustrações de Emma Vieceli, tradução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.

_____. **Hamlet.** Trad. Millôr Fernandes. 1° edição. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

Recebido em: 19 jun. 2017
Aprovado em: 24 set. 2017